

BONECAS NEGRAS NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES POSITIVAS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ednalva Rodrigues de Oliveira ¹
Cleyde Rodrigues Amorim ²

RESUMO

A pesquisa apresenta uma discussão sobre o repertório infantil, com a possibilidade de contribuir na construção de identidades positivas das crianças. Assim, objetivamos por meio da metodologia das bonecas negras e contação de história auxiliar na construção da identidade das crianças, possibilitando uma representação positiva da estética negra na formação da criança desde tenra idade. Sendo assim, questionamos: qual o lugar das bonecas negras na instituição da educação infantil? A partir das vivências como professora da educação infantil, busquei investigar os brinquedos, bem como os livros infantis com personagens negros/negras que compõem o acervo de um Centro Municipal de Educação Infantil no município da Serra no Espírito Santo.

Palavras-chave: Criança negra, Educação infantil, Bonecas negras.

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresenta uma discussão étnico-racial representados nos brinquedos oferecidos as crianças na educação infantil. Abordar a diversidade étnico-racial em sala de aula promove conhecimentos, compartilha histórias e experiências, visto que todos esses aprendizados contribuem para a dignidade da criança como pessoa humana e, ao mesmo tempo, desperta a criticidade e autonomia para se proteger de todas as formas de discriminação. Partimos do princípio de que a educação infantil é um espaço institucionalizado que atendem as crianças na faixa etária de 0 a 5 anos, em que o cuidar e o educar são ações indissociáveis e deve favorecer um desenvolvimento integral e aprendizagens estruturadas nas interações e brincadeiras a todas as crianças. (BRASIL, 1996).

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010) mencionam que sejam garantidos “o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, bem como no combate ao racismo e à discriminação” (BRASIL, 2010, p. 21).

¹Professora da educação infantil e mestranda do curso de Mestrado Profissional e educação da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, ednalvaroliveira@hotmail.com;

² Antropóloga, docente e pesquisadora da Universidade Federal do Espírito Santo, junto ao Departamento de Educação, Política e Sociedade, ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação e ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, cleyde.amorim@ufes.br

A brincadeira favorece o processo dialógico, criativo e imaginário. A partir das brincadeiras as crianças estabelecem vivências com a realidade e o mundo que o cercam, além de promover interação entre as crianças e adultos. Zilma Moraes Ramos de Oliveira (2011) pontua que “ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepções, representação, memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligadas”. (OLIVEIRA, 2011, p. 164).

Nesse estudo, defendemos que as crianças são ativas e sujeitos de direitos. Para Cristina Teodora Trinidad (2012) a criança é reconhecida como:

“[...] sujeito histórico, social e cultural, que se constitui por meio de suas interações e seus pertencimentos, e que o currículo - compreendido como conjunto de práticas pedagógicas - deve ser desenvolvido a partir dessas interações, torna-se premente que a educação infantil considere as diferenças existentes entre as crianças e seus grupos de origem e, sobretudo, propicie oportunidades para que todas as crianças tenham as mesmas condições de tratamento e de educação. (TRINIDAD, 2012, p. 122).

Considerando que a concepção de criança, bem como de infâncias diferem de sociedade para sociedade. Clarice Cohn (2005) aborda uma concepção de criança atuante na sociedade:

A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um ‘adulto em miniatura’, ou alguém que treine para a vida adulta. (COHN, 2005, p. 28).

As crianças se inserem na sociedade como atores sociais que cria, recria, produz e reproduz culturas, mediadas nas interações com os adultos, as crianças e o mundo que o cercam. Nesse processo de socialização Maria Aparecida Silva Bento (2012) relata:

Nosso ‘eu’ é produto de muitos outros que o constituem. Esses ‘outros’, nos primeiros anos de vida, com frequência são a mãe, o pai, a professora ou os outros adultos que cuidam diretamente da criança. Por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, a criança vai tomando consciência do seu corpo, do valor atribuído a ele e ao corpo dos coetâneos, e construindo sua autoimagem, seu autoconceito. (BENTO, 2012, p. 112).

Pesquisas apresentam que há uma diferença no relacionamento interpessoal com as crianças na educação infantil, inclusive nos aspectos de raça e cor. Seguindo essa compreensão Anete Abramowicz e Fabiana Oliveira (2010) menciona que:

“[...] na área da educação infantil já apontam a existência da problemática racial entre crianças e adultos, sendo que esses últimos acabam utilizando práticas cotidianas que podem até mesmo reforçar o racismo, levando as crianças negras a um processo de socialização diferente da criança branca [...]”. (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA. 2012, p. 54).

Conforme Eliane dos Santos Cavalleiro (2001) “é um senso comum acreditar que nas escolas todos estejam usufruindo das mesmas oportunidades. Todavia, a qualidade das relações nesse espaço pode ser geradora de graves desigualdades”. (CAVALLEIRO, 2001, p.143).

A partir das vivências como mulher, negra e professora de crianças pequenas, analiso como é fundamental constituir uma educação para as relações étnico-raciais pensando nas subjetividades, e os modos de existir das crianças negras. Busquei investigar como os brinquedos, bem como os livros infantis com personagens negros/negras podem contribuir para uma representação social positiva nos aspectos identitários das crianças.

Reconheço que o racismo estrutural presente na sociedade brasileira também reflete nos modos de cuidar e educar. E por que propor metodologia com as bonecas negras? essa proposta pedagógica auxilia nos processos formativos na educação das crianças pequenas, uma vez que as crianças no contato com as bonecas negras elas desenvolvem atitudes de respeito, valores, expressão e sentimentos. Além de apresentar tanto para as crianças negras e não negras que somos constituídos a partir das semelhanças e diferenças.

É importante que as práticas pedagógicas propiciam conhecimentos para que as crianças negras possam aprender sobre os valores civilizatórios pertencentes a cultura africana e afro-brasileira desde os primeiros anos de vida. Para Paulo Freire (2014) “aprender é uma aventura criadora de construir, reconstruir, constatar para mudar, e isso se faz, “no mundo da história, da cultura, da política” (FREIRE, 2014, p.75).

Educar para a liberdade é permitir a criança sair da posição ingênua, passiva para intervir na realidade “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra.” (FREIRE, 2014, p, 75). Seguindo essa compreensão Frantz Fanon (2008) ressalta que “a liberdade requer visibilidade, mas, para que isso aconteça, faz-se necessário um mundo do outro”. (FANON, 2008, p. 16).

Nessa perspectiva, questionamos: como a metodologia lúdica com bonecas negras podem contribuir no reconhecimento da diversidade étnico-racial? a indústria de brinquedos apresenta uma normatização de bonecas que remetem as características fenotípicas, loiras, magras, cabelos lisos e olhos azuis. Com isso, essa normatização traz prejuízos na autoestima das crianças, uma vez que ao internalizarem essas imagens, aprendem a ter uma percepção de negação contra aquelas crianças tidas como as diferentes do padrão social apresentado. Bento (2012, p. 102) pontua que “crianças brancas e negras aprendem que ser branco é uma vantagem e ser preto, uma desvantagem”.

É fundamental pensar como as instituições escolares podem contribuir para uma identificação racial positiva nas crianças, em especial as crianças negras que convivem entrelaçadas em um processo de discriminação, no que tange a cor da pele e a textura dos cabelos. Partimos da hipótese que as diferentes características apresentadas nas bonecas negras no trabalho com as crianças podem contribuir para a formação de sua identidade e o reconhecimento das diversidades existentes nos espaços sociais frequentados por elas. Conforme Cavalleiro (2017):

Compreende-se que o reconhecimento positivo das diferenças étnicas deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida. Para tornar a pré-escola um espaço positivo ao atendimento das diferenças étnicas, é necessário observarmos o processo de socialização atualmente desenvolvendo no espaço escolar. (CAVALLEIRO. 2017, p. 26)

Para tanto, é primordial proporcionar momentos em que as brincadeiras sejam com as bonecas negras: altas, baixas, gordas, magras e com os cabelos curtos, cacheados, black, entre outros. Mediante o exposto, a justificativa para o estudo, parte das urgências de artefatos culturais que representam a estética negra na educação infantil. A partir daí surge a questão principal: qual o lugar das bonecas negras nas instituições da educação infantil? considerando as bonecas negras um auxílio no reconhecimento da autoimagem, ainda se verifica pouca representação social na indústria dos brinquedos, em que não remetem a diversidade populacional que compõem a sociedade brasileira. Gomes (2007) menciona:

Falar sobre diversidade e diferença implica posiciona-se contra processos de colonização e dominação. É perceber como, nesses contextos, algumas diferenças foram naturalizadas e inferiorizadas sendo, portanto, tratadas de forma desigual e discriminatória. É entender o impacto subjetivo destes processos na vida dos sujeitos sociais e no cotidiano da escola. É incorporar no currículo, nos livros didáticos, no plano de aula, nos projetos pedagógicos das escolas os saberes articulados com os saberes produzidos pelos movimentos sociais e pela comunidade. (GOMES, 2007. p. 25)

Nessa perspectiva, o objetivo geral é analisar qual o lugar ocupado pelas bonecas negras em uma instituição de educação infantil no município da Serra-ES. Já os objetivos específicos: a) contribuir na construção das identidades das crianças, a partir dos produtos culturais que remetem a cultura africana e afro-brasileira; b) promover atividades que possibilitam as crianças interagirem de forma positiva com as literaturas com personagens negros/negras, c) Escutar o que as crianças têm a dizer sobre os seus aspectos raciais.

Para isso, revisamos autores/as que tratam assuntos nos campos da educação para as relações étnico-raciais entre eles: Kabengele Munanga (2020), Nilma Lino Gomes (2007, 2019) e Eliane dos Santos Cavalleiro (2001) entre outros. A partir da observação participante, mediante as

interações com as crianças através das bonecas negras e contações de histórias com personagens negros/negras protagonizando as narrativas infantis. Com isso, para um melhor desenvolvimento da prática pedagógica antirracista na educação infantil, utilizaremos a pesquisa qualitativa do tipo pesquisa ação que segundo Michel Thiollent (1985), tal proposta trata-se de :

“[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (THIOLLENT, 1985, p. 14).

O reconhecimento de outras histórias na educação das relações étnico-racial é primordial para a reparação de danos causados com as práticas racistas a população negra, principalmente no sistema educacional. É nesse sentido, que a Lei 10.639/2003 altera a Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN 9394/1996), tornando obrigatório o ensino da Cultura Africana e Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino em nossa sociedade. Essa mudança é resultado das lutas do movimento social negro e abrem caminhos para se pensar em outras perspectivas de educação pautadas no reconhecimento e reparações de danos causados a população negra.

Kabengele Munanga (2020) em seus estudos sobre raça, racismo pontua sobre a assimilação dos valores culturais do branco tão presente em nossa sociedade ocupando um lugar de destaque em relação a determinadas culturas invisibilizadas historicamente.

Segundo o referido autor o termo raça tem um sentido político, social, ideológico e “cientificamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas e observáveis”. (MUNANGA, 2020, p. 15).

Seguindo essa compreensão, o racismo é uma construção social uma vez que, “para ser racista, colocar-se como postulado fundamental a crença na existência de “raças” hierarquizadas dentro da espécie humana. (MUNANGA, 2020, p. 15).

Observa - se os conflitos de assumir a identidade negra em um contexto discriminatório e racista atribuídos aos brinquedos oferecidos as crianças no cotidiano da educação infantil. A criança imersa nesse cenário ideológico tende a não aceitação da sua imagem, uma vez que a apresentação ideal é o padrão de beleza que remete a branquitude, assim, o grupo étnico-racial que não se enquadra nessa norma é tido como o inferior, o feio, o não desejado, e conseqüentemente ocasiona nas crianças negras a rejeição a si própria e a outros membros do seu contexto familiar e não familiar. Segundo Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira (2012)

esse processo de sujeição/assujeitamento contribui para que as crianças negras se vejam “como ruins, feias e com todos os atributos com os quais a sociedade ocidental designa o diferente, o outro. (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA, 2012, p. 56).

Nessa perspectiva é fundamental promover uma educação livre das “máscaras brancas”, inseridas nos espaços da educação infantil que ideologicamente invisibiliza as crianças negras por meio das interações, práticas pedagógicas, literaturas, painéis, brinquedos e brincadeira. Para Fanon (2008) a máscara branca tem um significado de aprisionamento dos negros imbuídos na branquidão, em que torna um referencial hegemônico a ser seguido e precisa de liberdade para ser reconhecido. O autor destaca: “todo povo colonizado-isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido o sepultamento de sua originalidade cultural toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.” (FANON, p. 34).

Mediante o exposto, é no ato de descolonizar é que as mulheres negras têm se movimentado pela visibilidade das crianças negras através da confecção de bonecas negras de panos nas redes sociais. Cabe ressaltar que as cantoras negras com suas músicas também têm levantado a questão: onde estão as bonecas negras em nossa sociedade? a MC Sofia menciona em sua música “Menina Pretinha” o empoderamento das meninas, com a exaltação da beleza negra “devolva minhas bonecas quero brincar com elas, minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas”?

A cantora Larissa Luz com a música intitulada “Bonecas pretas”, contesta o preconceito, o racismo, a discriminação, e a estética branca opressora, que resultam na falta de representatividade para as crianças negras na indústria dos brinquedos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

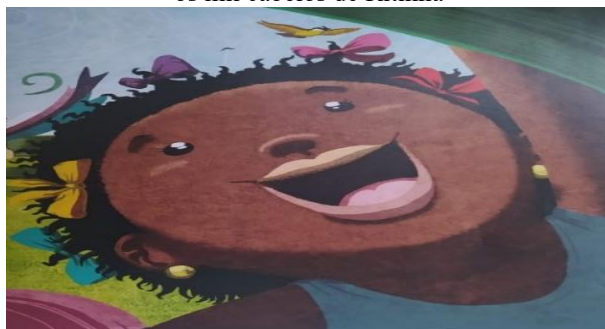
A investigação do presente estudo aconteceu em uma unidade de ensino infantil situada no município da Serra, em um período de junho a setembro do ano vigente. As crianças protagonistas da pesquisa se encontram matriculadas na pré-escola e conforme o Projeto Político Pedagógico (2019), a proposta pedagógica da unidade consta como projeto permanente a temática da cultura africana e afro-brasileira, a ser desenvolvida pelos/as docentes durante o ano letivo. Percebe-se uma aceitação pelo tema, mas falta investir na educação das questões raciais, bem como nas políticas públicas de implementação da lei 10.639/2003. Cabe ressaltar

que a obrigatoriedade da lei se estende também aos currículos da educação infantil considerada o nível de ensino da educação básica. (BRASIL, 1996).

Conforme, análise foram encontrados no acervo da instituição 06 livros infantis que remetem a temática da cultura africana e afro-brasileira sendo eles: O cabelo de Lelê, de Valéria Belém; Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado; Bruna e a galinha d' Angola, de Gercilda de Almeida; Koumba e o tambor Diamber, de Madu Costa; Que cor é a minha cor? de Martha Rodrigues e Quilombololando, de Heloisa Pires Lima. A instituição pesquisada não dispõe de brinquedos que remetem à cultura negra e as bonecas presente na brinquedoteca da instituição são todas de características brancas.

Nesse sentido, foram realizadas atividades pedagógicas através da contação de história do livro infantil intitulado “os mil cabelos de Ritinha” de Paloma Monteiro (2019). O título da obra remete a valorização de penteados que podem ser produzidos nos cabelos crespos, além da estética é tratado outros temas como: amor, afetividade, relação social, família, beleza, diversidade, empoderamento, tempo, entre outros. O livro traz uma narrativa em que a protagonista é uma criança negra que vive uma infância cultivada na autoestima e no afeto familiar. A história se inicia com a interrogativa da personagem em frente ao espelho: “o mesmo penteado todo dia Não!” com o seu cabelo crespo, inspirada e satisfeita para cada dia da semana Ritinha apresenta um visual diferente: trançado, com fitas coloridas, Black Power, turbante, coque abacaxi, trancinhas Nagô e coquezinhos.

Figura 1 - livro infantil
“os mil cabelos de Ritinha”



Fonte: Paloma Monteiro, 2019, p. 09

A justificativa por abordar essa literatura é por considerar o cabelo símbolo da identidade negra. Partindo da reflexão que parte das crianças que frequentam as instituições da educação infantil são negras e não é de ser admirar as crianças pequenas chegarem nas instituições de ensino com os cabelos modificados por processos químicos. O círculo de estereótipos que envolvem os cabelos crespos em nossa sociedade resulta em uma representação social negativa nos discursos

e práticas de muitos profissionais da educação. Todavia, é necessária mudança neste quadro discriminatório. Segundo, Gomes (2002) “existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola”. (GOMES, 2002, p. 44). Conforme, Tomas Tadeu da Silva (2014, p. 18):

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas as questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem ser posicionados e a partir dos quais podem falar.

Nessa perspectiva, observa-se um cuidado no mercado editorial por partes dos/as autores/as e ilustradores/as em relação as literaturas com temáticas da cultura africana e afro-brasileira, no que tange a posição social dos/das personagens, bem como o texto verbal e visual. Segundo, Ana Célia da Silva (2005) “a criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos inferiorizantes e excluída do processo de comunicação, uma vez que o autor se dirigia apenas ao público majoritário nele representado, constituído por crianças brancas e de classe média. (SILVA, 2005, p. 23). Segundo, Eliane Debus (2017):

As exigências da Lei de n. 10. 639/2003 culminaram com o florescimento de um nicho mercadológico a partir da necessidade de livros que tematizem e problematizem as questões étnico-raciais, por meio da representação de personagens negros como protagonistas e narrativas que focalizem o continente africano como múltiplos; desfazendo ideias enraizadas como aquelas que trazem os personagens negros em papéis de submissão e/ou retratando o período escravista, bem como a representação do continente africano pelo viés do exótico. (DEBUS, 2017, p. 37)

Nesse sentido, foram realizadas atividades com desenhos elaborados pelas crianças a partir do relato da história, além disso, as crianças tiveram a oportunidade de se identificar através das leituras e imagens, relatando e expressando suas identidades e diferenças na cor da pele e tipo de cabelo. “O sentimento de identidade de uma criança surge da internalização das visões exteriores que ela tem de si própria”. (SILVA, 2014, p. 64).

Figura 3 - autorretrato realizado pela criança do grupo 5 matutino



Fonte: arquivo pessoal

Para realização dessa atividade foram utilizados os lápis de cor de diferentes tons de pele, ainda desconhecidos pelas crianças. Sobre a questão do desenho infantil Manuel Jacinto Sarmiento (2011) pontua “o desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças”. (SARMENTO, 2011, p. 28,29).

Juntamente com essa história foram apresentadas as bonecas negras, assim as crianças puderam compreender que as histórias, bem como as bonecas podem ser representadas em outras perspectivas promovendo a inclusão de todas as crianças.

Figura 5 - bonecas negras



Desse modo, as crianças no contato com as bonecas negras puderam brincar, dialogar e expressar afeto e alegria. Chimamanda Ngozie Adichie (2019, p. 32) ressalva: “muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de como o/a professor/a se relaciona com a criança implica na formação e nos valores socioculturais do seu grupo de pertença. Por isso, cabe analisar qual a configuração de infância perpassa o currículo, as práticas pedagógicas, os processos avaliativos, entre outras dimensões políticas da educação infantil. Concordamos com Gomes quando afirma que “construir um currículo emancipatório na educação infantil que compreenda raça como um dos eixos epistemológicos e pedagógicos significa compreender os sujeitos da educação inseridos no mundo” (GOMES, 2019, p. 124).

Para isso, faz-se necessário a desconstrução dos parâmetros da branquitude que refletem nos brinquedos utilizados pelas crianças no cotidiano da educação infantil. Diante de uma sociedade injusta e desigual pensar em propostas pedagógicas acolhedoras na ação de ensinar e aprender,

cuidar e educar a partir das vivências e no diálogo entre as diversidades étnicas-culturais é primordial na formação estética e identitária das crianças negras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades-CEERT, 2012, p. 47-64.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, p. 98 - 117.
- BRASIL. Ministério da educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cne_cp_003.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2021
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando a escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 141-160.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EUDFBA, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p.167-182. jan./jun. 2003.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: BEUCHAMP, Janete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia do. (Orgs.). **Indagações sobre o currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 17-47.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MONTEIRO, Paloma. **Os mil cabelos de Ritinha**. 2º ed. Espírito Santo: Semente Editorial, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: FILHO, Altino Jose Martins; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. São Paulo: Autores associados, 2011, p. 27 - 60.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escolar**. 2º edição revisada/[Brasília]: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 21- 37.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Diversidade étnico-racial: por uma prática pedagógica na educação infantil. In: BENTO, Maria Aparecida da Silva (Org.). **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalhos e Desigualdades - CEERT, 2012, p. 118 – 137.